



O GÊNERO DISCURSIVO CAUSO: REFLEXÕES SOBRE SUA CARACTERIZAÇÃO A PARTIR DA TEORIA BAKHTINIANA

THE SPEECH GENRE CAUSE: REFLECTIONS ON ITS CHARACTERIZATION FROM THE THEORY BAKHTINIAN

GEDOZ, Sueli¹
COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição²

RESUMO: Objetivamos, com este trabalho, apresentar algumas reflexões sobre a caracterização do gênero discursivo causo, tendo em vista a teoria apresentada por Bakhtin (2004). Subsidiaremos o trabalho além dos estudos desenvolvidos por Bakhtin (2000, 2004), também as obras de Dolz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2005, 2008), Bronckart (2003), Bazerman (2006), entre outros. Partimos da perspectiva de que os gêneros discursivos são instrumentos mediados por ações socialmente elaboradas por sujeitos ativos e participantes do mundo da interação social. Sob a perspectiva de Bakhtin (2004), todas as formas orais e escritas, usadas no cotidiano, são gêneros discursivos e, por isso, repletos de significação quanto ao conteúdo temático, ao estilo e à construção composicional. Considerando esses três aspectos, desenvolvemos este estudo procurando avaliar as características no gênero discursivo causo de acordo com a orientação do método sociológico para o estudo da língua proposto por Bakhtin (2004). Para isso, analisamos o causo “A rede”, de João Simões Lopes Neto, retirado de um livro didático das séries finais do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin; gêneros do discurso; gênero causo.

ABSTRACT: This work aimed to present some reflections on the characterization of the speech genre concerned with a view to the theory presented by Bakhtin (2004). Subsidize the work beyond the studies developed by Bakhtin (2000 2004), also works Schneuwly and Dolz (2004), Marcuschi (2005, 2008), Bronckart (2003), Bazerman (2006), among others. It starts with the prospect that genres are tools developed socially mediated actions by individuals and active participants in the world of social interaction. From the perspective of Bakhtin (2004), all written and oral forms, used in everyday life, genres and are therefore full of meaning as to the thematic content, style and compositional construction. Considering these three aspects, we developed this study aiming to evaluate the characteristics of the speech genre cause concerned in accordance with the guidance of sociological method for studying the language proposed by Bakhtin (2004). For this, we analyze the cause “The hammock” of João Simões Lopes Neto, taken from a textbook of the final series of elementary school.

KEYWORDS: Bakhtin; speech genres; gener cause.

INTRODUÇÃO

¹ Pós-graduanda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE . E-mail: oi_sueli@hotmail.com

² Prof^a Dr^a do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE. E-mail: terecostahubesh@yahoo.com.br



Pretendemos apresentar, neste trabalho, algumas considerações sobre os estudos bakhtinianos que nos conduzem à construção do conceito de gêneros discursivos, bem como a compreensão da noção metodológica para o estudo da língua, definida pelo autor, a partir da qual podem ser orientados os trabalhos que investigam os diversos gêneros discursivos.

Inicialmente, apresentamos alguns dos conceitos presentes nos estudos de Bakhtin (2000, 2004) a respeito de enunciação, enunciado, fala, escrita e interação verbal, já que para o autor (2000), cada esfera social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados que são utilizados pelos sujeitos para fins específicos em momentos determinados. Dependendo, portanto, da situação, do momento histórico, dos objetivos e do próprio receptor, escolhe-se determinado gênero que atenderá às necessidades da temática, ao conjunto dos participantes e à vontade enunciativa ou à intenção do enunciador.

Além de apresentar os conceitos de Bakhtin sobre os gêneros discursivos, registramos também, os apontamentos de Marcuschi (2005, 2008), Dolz e Schneuwly (2004), Bronckart (2003) e Bazerman (2006), que corroboram com a discussão desse tema, explicitando as noções relativas a tipo textual e domínio discursivo.

Após essa abordagem, voltando-nos novamente a Bakhtin (2004), apresentamos o método sociológico para o estudo da língua proposto pelo autor, que sugere o estudo de gêneros discursivos a partir de seu conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. Finalmente, fazemos um recorte ao estudo do gênero discursivo *causo*, objetivando realizar uma análise da linguagem por meio de uma investigação dos três aspectos sugeridos, utilizando-se, como *corpus*, um *causo*³ retirado de um livro didático destinados às séries finais do Ensino Fundamental.

1 Conceitos bakhtinianos

A linguagem, para Bakhtin (2004), é um ato social que se realiza e se modifica nas relações sociais, sendo, ao mesmo tempo, meio para a interação humana e resultado dessa interação, já que seus sentidos não podem ser desvinculados do contexto de produção.

Para Bakhtin (2004), o estudo da língua deve começar com o estudo do contexto social em que se efetuam suas múltiplas formas, pois:

³Utilizaremos da definição proposta por Batista (2007) para referência ao termo *causo*, conforme será apresentado no decorrer desse estudo.



Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

O critério de correção só se aplica à enunciação em situações anormais ou particulares (por exemplo, no estudo de uma língua estrangeira). Em condições normais, o critério de correção lingüística cede lugar ao critério puramente ideológico: importa-nos menos a correção da enunciação do que seu valor de verdade ou de mentira, seu caráter poético ou vulgar, etc. A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. (BAKHTIN, 2004, p. 95 – grifos do autor)

Então, se para o autor a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial, a língua não pode ser vista como um sistema abstrato de formas normativas, pois é resultante de um trabalho coletivo e histórico, refletindo as relações sociais “relativamente estáveis” dos falantes. E se reconhecermos o caráter sociointeracionista da linguagem, precisamos entender que a língua também tem seu caráter dialógico e interacional, já que, conforme o autor, o que falamos ou escrevemos dirige-se a interlocutores concretos que também estabelecem uma relação dialógica sobre o mundo e nosso conhecimento se constrói nesse processo de interação.

Dessa forma, para Bakhtin (2004), a língua é concreta, realizando-se através dos atos de fala, ou seja, da comunicação efetiva entre seus usuários, caracterizando-se, assim, como um elemento do discurso, como a linguagem em uso.

Por meio da fala é que se produzem enunciados. O enunciado é o meio utilizado pelas pessoas para exteriorizar suas ideias com a intenção de torná-las compreensíveis. É, portanto, tudo o que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam. Quando produzimos um enunciado, estamos fazendo uso de uma linguagem social, pertencente a um grupo social particular de falantes. Aprender a falar é aprender a construir enunciados.

Para Bakhtin (2004), a produção de enunciados está intrinsecamente ligada às estruturas sociais. Daí surge o conceito de enunciação que, para o autor, caracteriza-se como um ato eminentemente social e não individual. Enuncia-se sempre para alguém de um determinado lugar ou de uma determinada posição sócio-histórica. Entendemos, assim, que a enunciação é a compreensão que temos do enunciado, levando em consideração seu contexto de produção:



onde, quem, quando para quem e por que foi produzido, além de todo o conhecimento sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores. Está muito além da decodificação porque pressupõe sua relação com os participantes da situação.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 2004, p. 112)

A enunciação, portanto, é um fenômeno social entre quem emite a palavra e para quem ela é emitida. Sendo assim, é na enunciação que a característica dialógica da linguagem se efetiva. Percebemos, então, mais um conceito de Bakhtin (2004), amarrando-se à enunciação: a interação verbal, já que, para o autor, a língua só existe de fato onde houver comunicação, interação social, diálogo, e esse espaço de interação social é um espaço privilegiado para a enunciação.

2 Gêneros discursivos/textuais: conceituações

As definições que tentam conceituar os gêneros discursivos⁴ ou gêneros textuais⁵, atualmente, são inúmeras. Isso decorre do interesse, embora ainda recente, pelo trabalho com os gêneros no cotidiano escolar. Recorremos a Bakhtin (2000, 2004), Marcuschi (2005, 2008), Dolz e Schneuwly (2004), Bronckart (2003) e Bazerman (2006) como aporte teórico para a definição de gêneros nesse trabalho.

Para Bakhtin, “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos de *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2000, p.279 – grifos do autor). Sendo assim, o ser humano em quaisquer de suas atividades discursivas vai utilizar-se da língua e a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, os

⁴ Definição apresentada por Bakhtin em “Estética da criação verbal”. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.279-287.

⁵ Definição apresentada por Bronckart em “Atividades de linguagem, textos e discursos”. São Paulo: Educ, 2003, p.137



enunciados linguísticos se realizarão de maneiras diversas. A estas diferentes formas de incidência dos enunciados, o autor denomina gêneros do discurso.

Devido à grande variedade de gêneros do discurso que circulam socialmente, resultado das diversas relações que se apresentam na vida humana, Bakhtin (2000) dividiu-os em duas classificações: gêneros primários e gênero secundários. Os gêneros primários são, para o autor, aqueles que surgem das situações de comunicação verbal espontâneas, não elaboradas, informais, nos quais se revela um uso mais imediato da linguagem, como ocorrem nos enunciados da vida cotidiana: na linguagem oral, nos diálogos com a família, nas reuniões de amigos etc. Por outro lado, os gêneros secundários organizam a comunicação cultural mais complexa e mais evolutiva, configurada, tanto pela escrita como pela fala, desde que planejada. O gênero, nesse contexto, funciona como instrumento, como uma forma de uso mais elaborado da linguagem e, portanto, são chamados mais complexos porque absorvem e modificam os gêneros primários.

Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios... (BAKHTIN, 2000, p.281)

Ao definir gêneros textuais, Marcuschi (2005, 2008) retoma o conceito de gêneros vinculados à vida cultural e social já defendido por Bakhtin. Para Marcuschi “os gêneros textuais são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Caracterizam-se como eventos textuais dinâmicos e plásticos. São artefatos lingüísticos concretos” (MARCUSCHI, 2005, p.19). O autor ainda aponta que “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2005, p.35). Assim, percebemos a defesa de um ensino que focalize, no aprendizado da língua portuguesa, a exploração dos gêneros nas modalidades da língua falada e escrita, pois, dessa forma, o trabalho será mais bem-sucedido, visto que os alunos obtêm capacidade de se expressar distintamente nas manifestações às quais sejam expostos.

Para Marcuschi, o conceito de gênero textual implica o esclarecimento de noções relativas a tipo textual e domínio discursivo, já que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2005, p. 29). Assim, referindo-se a tipo textual, conceitua como a forma usada “para designar uma espécie de construção teórica



definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}” (MARCUSCHI, 2005, p. 22) que se efetiva em diferentes categorias, tais como: descrição, narração, argumentação, exposição e injunção, havendo, para cada tipo de texto, um elemento central na sua organização. Para o autor, “o conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). O mesmo gênero pode contemplar vários tipos de sequência, ampliando, desse modo, a compreensão das especificidades alusivas aos diferentes tipos de texto.

No que diz respeito aos domínios discursivos, esses correspondem “as esferas da atividade humana em que os textos circulam” (MARCUSCHI, 2005, p. 23). Nesse sentido, há diferentes domínios discursivos, que podem ser caracterizados como científico, jornalístico, religioso, comercial, industrial, instrucional, jurídico, publicitário, ficcional, dentre outros, com a possibilidade de surgimento nas modalidades de uso da língua falada e escrita.

De acordo com Bronckart (2003), o conceito de gêneros textuais também está relacionado, tal como em Bakhtin (2000), a textos relativamente estáveis elaborados a partir de determinados objetivos⁶. O autor aponta que,

Na escala sócio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de gêneros de textos) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores. (BRONCKART, 2003, p. 137)

Para Bazerman (2006), que considera os aspectos psicossociais dos gêneros, a definição de gêneros como estruturas padronizadas e reconhecíveis de comunicação também extrapola o conjunto de traços textuais. Priorizando o enfoque social dos gêneros discursivos, o autor defende a posição de que pelo uso de textos, além de organizarmos nossas ações no mundo, também atribuímos significado aos fatos sociais implicados em nossas atividades diárias.

Podemos chegar a uma conclusão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os

⁶ Entretanto, conforme já apontado, Bronckart define os textos que circulam socialmente como *gêneros textuais*, diferentemente de Bakhtin que os define como *gêneros discursivos*.



modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2006 p. 31 – grifos do autor)

Consideramos, ainda, as definições de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), para quem os gêneros caracterizam-se como um instrumento que atua como ponte de partida para o ensino. Impulsionados pelo interacionismo sócio-discursivo, os autores consideram que trabalhar com os gêneros consiste em dar prioridade ao funcionamento comunicativo dos alunos, pois os ajuda a construir uma representação das atividades de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho e de uma elaboração. A fim de garantir maiores capacidades de uso da linguagem, esses autores também sugerem que o estudo dos gêneros seja feito através de cinco agrupamentos: narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações.

Apoiando-nos nos conceitos e estudos apresentados por esses teóricos, entendemos que gênero discursivo ou textual é um nome que damos às diferentes formas de uso da linguagem que circulam socialmente, sejam mais informais ou mais formais. Uma crônica é um gênero, um artigo de opinião também, assim como um conto, uma receita de bolo, uma notícia, uma palestra ou um debate na televisão. Eles são exemplos de como a língua se organiza nas inúmeras situações de comunicação que vivemos no dia-a-dia. Gêneros discursivos, enfim, representam a língua em uso social, seja por meio da escrita, seja por meio da oralidade. Representam a língua viva, a língua em uso.

3 Bakhtin e a orientação metodológica para o ensino da língua

Reportando-se às concepções do materialismo histórico dialético, Bakhtin afirma que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 2004 p.124). Percebemos, nesse conteúdo, a grande crítica feita pelo autor ao “subjetivismo idealista” e ao “objetivismo abstrato”, correntes essas que apresentavam posicionamentos contrários aos de Bakhtin, quanto às questões relacionadas à linguagem.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação



verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004, p.123)

Ao contrário do que previam essas correntes, Bakhtin reforça o caráter dialógico da língua mostrando que é por meio dela que produzimos enunciados concretos que se materializam nos gêneros discursivos e a comunicação verbal não pode ser isolada nem da situação em que foi produzida, nem tampouco das demais formas de comunicação (não verbais) a que está ligada:

A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar. (BAKHTIN, 2004, p.124)

Sendo assim, o autor propõe uma ordem para estudo da língua, considerando seu contexto de produção, as suas diferentes formas de materialização, assim como suas marcas lingüísticas. O que Bakhtin (2004) traçou, na verdade, foi um método sociológico, considerando:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual. (BAKHTIN, 2004, p.124)

Em outras palavras, Bakhtin nos propõe um encaminhamento para o estudo da língua caracterizado, posteriormente, no livro “Estética da Criação Verbal” (2000), ao referir-se ao gênero, como: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

“As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza” (BAKHTIN, 2004, p.124) caracterizam-se como o conteúdo temático que pressupõe o assunto tratado no enunciado estudado, a mensagem transmitida, observando-se com que objetivos o locutor produziu determinado texto e para qual interlocutor(es) se destina.; quando foi produzido, retomando o contexto sócio-histórico-ideológico que, direta ou indiretamente, interfere no tema; e qual o recurso/veículo utilizado para sua divulgação/socialização.



Bakhtin enfatiza que “o tema é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas é igualmente determinado pelos elementos não-verbais da situação” (BAKHTIN, 2004, p.128). Dessa forma, é possível entender que o conteúdo temático extrapola o que está escrito no texto, pois nele deve ser analisado tudo o que envolve, o contexto de produção, ou seja, a situação histórica concreta que deu origem à enunciação. “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence.” (BAKHTIN, 2004, p.129).

O segundo encaminhamento proposto por Bakhtin, “as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos” (BAKHTIN, 2004, p.124), alude à construção composicional do gênero. Estudamos, nesse ponto, a estrutura formal do gênero, considerando suas características próprias e as tipologias textuais nele predominantes. Ou seja, na construção composicional, observamos as formas de composição e acabamento dos enunciados, seu arranjo esquemático em que o conteúdo temático se assenta. Assim, a forma composicional permite não só o reconhecimento do gênero, mas também, segundo Bakhtin, a assimilação das condições e da finalidade de cada campo da atividade humana.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada dos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

Finalmente, ao apontar para “o exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual” (BAKHTIN, 2004, p.124), o autor apresenta o terceiro passo na investigação de um gênero: a análise propriamente lingüística, voltada ao estilo do texto. Analisar o estilo da língua empregada no texto de um determinado gênero, nos remete a investigar questões individuais de seleção e opção de vocabulário, de estruturas frasais, as preferências gramaticais, os modalizadores, a paragrafação, a pontuação, entre outros fundamentos. O estilo está “indissolúvelmente” ligado ao gênero do discurso. Para Bakhtin (2000), todo enunciado é individual e, por isso, pode refletir a individualidade do falante ou escritor. Embora reflita a individualidade de seu autor, é bom ressaltar que este é um ser social, participante de grupos sociais. Assim, o estilo também está ligado ao contexto de produção do gênero e, conseqüentemente, ao seu conteúdo temático e a sua estrutura composicional.



O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre um locutor e os outros parceiros da comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p. 284)

Entendemos que o trabalho envolvendo os três aspectos apresentados por Bakhtin, depende também das considerações que devem ser feitas a respeito do contexto em que o gênero se situa. Assim é possível perceber que as três características que definem um gênero - plano composicional, estilo e conteúdo temático - são indissociáveis.

4 As características do gênero *causo*

A partir do aporte teórico anteriormente apresentado, propomo-nos a desenvolver um estudo sobre um gênero discursivo de circulação na sociedade. A sua escolha deu-se de forma livre. Interessou-nos a análise do gênero *causo*, partindo, principalmente, da verificação de que há pouca circulação de materiais que o investigam. Discorremos, a seguir, sobre as principais características desse gênero escolhido.

O que é um *causo*? Como se caracteriza? Quando é utilizado? Na perspectiva de responder a esses e outros questionamentos, utilizaremos da definição proposta por Batista (2007):

Muitas vezes a palavra *causo* aparece grafada entre aspas a indicar um jeito particular de falar ou modo não correto de dizer a palavra *caso*. No dicionário Aurélio a palavra *causo* aparece como “[var. pop. de *caso*] s. m. Bras. Pop. 1. “Conto, história, caso”. *Caso*, por sua vez aparece no mesmo dicionário, entre outros significados, como “acontecimento, fato, sucesso, ocorrência” e ainda como sinônimo de “história, conto”. Os utilizadores do vocábulo *causo* seriam portanto os homens do povo, no sentido de “conjunto das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas” (AURÉLIO, 2000), ou seja, aqueles que, não tendo estudo suficiente, não se apropriaram da norma culta da língua, segundo a qual a grafia correta para a palavra é *caso* e não *causo*. No entanto, a proposição aqui defendida é a de que o *causo* se constitui num gênero discursivo específico e, como tal, se distingue da variedade de acepções atribuída ao vocábulo *caso*, tendo como apropriadas aquelas já citadas, especialmente “fato, ocorrência [...] história”. Assim sendo, justifica-se a utilização do termo *causo* em lugar de *caso*, pois quando se diz: “conte-me um *causo*”, o conhecedor do gênero sabe das características da narrativa que vai



ouvir, diferentemente do efeito de sentido que causa um dizer como “o caso que foi exposto dizia respeito aos estudantes”. (BATISTA, 2007, s/p)

Conforme definições da autora e o exposto no Dicionário Aurélio (2000), o termo *causo* pode ser interpretado diferentemente. No entanto, para este estudo, o empregamos no sentido de história popular. Antes de aprofundar essa questão, parece-nos interessante apresentar o gênero *causo*, diferenciando-o do gênero *conto popular*. Os dois gêneros fazem parte da cultura popular brasileira, caracterizando-se como gêneros narrativos orais. Assemelham-se pela simplicidade e concisão que apresentam. Entretanto, o *causo* não deve ser confundido com *conto popular*, pois tem características próprias que podem ser identificadas na própria comparação entre dois gêneros.

O *conto popular* é uma criação coletiva e anônima, caracterizando-se como uma narrativa ficcional contada em prosa, que cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o *conto* apresenta um narrador, personagens, espaço e enredo. O número de personagens que participam do *conto* é pequeno. Também não há espaço para personagens complexos: a ênfase é colocada em suas ações e não em seu caráter. Classicamente, diz-se que o *conto popular* se define pela sua pequena extensão. Mais curto que a novela ou o romance, esse gênero tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. O *conto popular* é, portanto, conciso.

A origem desse gênero é bastante humilde. Nasceu em meio ao povo, como um relato simples de ações ou acontecimentos imaginários, com o objetivo de entretenimento e lazer. Sendo de origem popular, na teve, inicialmente, autores definidos. Acabou transformando numa construção coletiva, pois, cada contador incluía nas histórias contadas, algumas alterações. O *conto* também utiliza uma linguagem simples, direta, acessível já que se caracteriza como uma narração de um fato inusitado, mas possível de acontecer com as pessoas.

Diferenciando-se do *conto popular*, o gênero *causo* é uma narração curta, falada, sobre um acontecimento real. É uma narrativa oral, não-ficcional, ainda que para o ouvinte às vezes pareça evidente a presença de elementos ficcionais. O *causo* é um relato de fatos vividos ou testemunhados por aquele que conta, podendo também ter sido ouvido e transmitido por outrem. É uma maneira particular de contar uma história, destacando situações humanas exageradas. Apresentando as diferenças entre *conto* e *causo*, Batista (2007) assim salienta:



Outro aspecto a distinguir o causo do conto popular é que o causo não é um relato anônimo nem coletivo: quem o conta é seu “autor”. Quando o fato que deu origem ao causo não foi vivido ou testemunhado por quem conta, é dada a referência: diz-se quem contou; ainda que a memória popular não tenha formalidades autorais, um mínimo de indicações registra a origem do relato. O lugar do acontecimento sempre é mencionado. Assim como o lugar da ocorrência, o tempo é referido: dificilmente se diz o ano, a data pode ser inferida por quem ouve a partir do contato com o contador. O contador muitas vezes situa o fato no tempo a partir da sua memória: “há muitos anos”, “quando eu era criança”, “no tempo dos meus avós”, “eu devia ter uns quatorze anos”. Sabendo a idade do contador – geralmente é mencionada sem que se pergunte pois, nas conversas sobre os fatos passados, o contador se situa a partir da sua idade – e o ano da contação, o ouvinte infere a data precisa ou aproximada. (BATISTA, 2007, s/p)

Em muitas situações, o contador de causos afirma a veracidade da história contada, oferecendo referências e remetendo a outras pessoas que podem confirmar o fato. Geralmente, são histórias que têm como base fatos exagerados, surpreendentes, vividos ou presenciados por alguém. A temática é marcada por acontecimentos e costumes próprios de cidades interioranas de uma determinada região e do universo dos contadores. Com relação aos personagens e sobre outros aspectos já mencionados, Batista (2007) afirma que:

Os personagens presentes geralmente são pessoas conhecidas do contador. Seres sobrenaturais como lobisomens e assombrações podem ou não aparecer. Do mesmo modo, exageros que levam o ouvinte a duvidar da veracidade do contado são facultativos. Podem estar presentes elementos cômicos ou trágicos, a intenção do exemplo ou simples divertimento. (BATISTA, 2007, s/p)

Os causos são, assim, narrativas populares que fazem parte de tradições difundidas oralmente e possuem grande valor cultural. Recuperamos, nesse sentido, Marcuschi (2005) quando afirma que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Para o autor, “os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais” (MARCUSCHI, 2005, p. 20). Os causos, portanto, devem ser considerados em sua variedade, como uma forma de ação social.

De acordo com os conceitos de Bakhtin, podemos classificar o gênero causo, originalmente, como um gênero primário, já que pertence ao grupo dos gêneros narrativos da tradição oral, pois se origina nas situações de comunicação verbal espontâneas, não elaboradas,



informais. Uma vez transposto para a escrita, adquire características dos gêneros secundários, por obedecer à complexidade da norma culta.

5 O estudo de um caso

Retomamos que o ponto de partida dos apontamentos apresentados no presente trabalho encontra-se nos estudos de Bakhtin (2000, 2004), levando-se em consideração, principalmente, as reflexões sobre a linguagem como modo de interação entre sujeitos. É importante observarmos que para Bakhtin (2000) os gêneros são constituídos historicamente, considerando-se as diferentes formas de interação verbal da vida social. Assim, toda enunciação se materializa em um ou mais gêneros discursivos.

Nesse estudo, o caso é o gênero discursivo analisado. Desenvolveremos, a seguir, com maior profundidade, uma investigação sobre esse gênero, partindo da proposição de Bakhtin a respeito da orientação metodológica sobre o estudo da língua.

Selecionamos o caso “A rede”, do autor João Simões Lopes Neto (1865-1916), publicado originalmente na obra “Casos de Romualdo”, pela editora Martins Livreiro, em Porto Alegre, no ano 2000. A obra, publicada postumamente, reúne textos retirados de folhetins que retratam a cultura e a linguagem popular da região Sul do país. O autor, ao falar sobre os costumes e tradições do povo gaúcho, enaltecendo sua valentia, coragem e audácia, às vezes, parece encaminhar-se para o irreal.

Entretanto, o caso em questão, foi encontrado e retirado, para o presente estudo, do livro didático “Trabalhando com a Linguagem”, que tem como autores Givan Ferreira, Isabel Cristina Cordeiro, Maria Aparecida Almeida Kaster e Mary Marques, publicado em 2006. Esse livro didático, destinado às séries finais do Ensino Fundamental, pertence à coleção que tem como título o mesmo nome do livro. Cada volume da coleção contém oito unidades didáticas organizadas em torno de gêneros discursivos e temas motivadores. De acordo com a proposta da coleção (2006), os gêneros textuais são formas de manifestações linguísticas orais e escritas, produzidas pelas pessoas nas diferentes situações sociocomunicativas, que são nomeados em razão de suas características de função (objetivo), conteúdo (tema), estrutura (organização) e estilo. Percebemos, nessa fundamentação apresentada no livro didático, a presença dos apontamentos de Bakhtin (2004) para o estudo da língua.



Consideramos, então, o livro didático como o suporte de circulação do gênero escolhido e, a partir desse apontamento, faremos a análise proposta por Bakhtin. Eis o texto na forma como aparece no livro didático:

A rede⁷

João Simões Lopes Neto

Havia três dias já, perseguíamos uma manada de cervos-galheiros. Éramos vinte e tantos caçadores, com numerosa e especial cachorrada; a caçada ia bem dirigida por um homem muito prático. Como cada companheiro tinha de ficar na sua “espera” determinada, esse já se precatava com o aviamento necessário para passar o dia e a noite no mato. Tal havia que levava cama de vento, panela, louça, etc. Eu, que sou inimigo de bagagem pesada, montava em pêlo no meu cavalinho baio, o Gemada, e além das armas apenas levava uma rede, e mesmo assim, pequena, e os jornais da última semana. Na “espera” punha o Gemada à sogá, fazia um foguinho e armava a rede nos galhos de qualquer árvore e pronto! Dormia regaladamente até o despertador bater.

Pois nessa tal caçada tive de mudar de “espera”, por motivo de doença de um dos companheiros. Foi já à boca da noite. O dirigente da batida procurou-me, explicou o caso e pediu-me para ir o quanto antes, porque o lugar aqueles, era certo de passagem do cervo, talvez até paradoro seu.

Lá fui, dei com a “espera”; fiz o meu foguinho, amarrei o Gemada, e procurei uma árvore de ramas próprias para armar a rede. Fui de sorte: topei logo com uma galharada, limpa, pontuda e cortada de jeito para o caso. Naturalmente fora o companheiro que preparara aquele ótimo cabide. Armei a rede, deitei-me, li os telegramas, soprei a vela e ferrei no sono.

Pela manhã, não lhes conto nada! Qual a minha surpresa, quando acordei-me abaixo de latidos e gritaria de ensurdecer.

Abro os olhos e vejo os companheiros, todos em perseguição dum enorme cervo, o cervo que me conduzia!

Compreendi tudo, de relance: na véspera, no escuro, eu armara a rede nos galhos do cervo, que muito cansado da correria do dia, dormia a sono solto, e nem me presentiu.

De madrugada, já refeito, levantou-se e foi andando, andando comigo na rede, dependurada nos chifres.

Quando a cachorrada farejou-o e saiu-lhe o bicho disparou e os caçadores de atrás; porém como ele corria muito, nunca as balas chegaram-lhe a tempo e foi assim a minha salvação.

Então, gritei aos companheiros que esperassem e pondo-me em pé, dentro da rede, saquei a faca e desnuquei o cervo, que caiu redondo.

Bakhtin (2004) propõe, como primeiro encaminhamento metodológico para o estudo da língua, “As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza” (BAKHTIN, 2004, p.124). Isso pode ser observado no caso estudado, inicialmente, por meio de seu conteúdo temático, o qual se refere a uma história contada por um caçador. O caçador, identificado no contexto como o gaúcho Romualdo, narra as peripécias pelas quais passou em uma noite e em uma manhã destinadas à caçada. Trata-se de um tema voltado à narrativa de uma história fantástica, na qual uma situação humana é contada de uma forma exagerada e bastante particular. O texto foi produzido com o objetivo inicial de entreter os

⁷ Texto retirado do livro didático, suporte de circulação do gênero em estudo: FERREIRA, Givan; CORDEIRO, Isabel Cristina; KASTER, Maria Aparecida Almeida; MARQUES, Mary. *Trabalhando com a Linguagem*. 7ª série, 8º ano. 1. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2006.



tropeiros que, em rodas de conversas à beira do fogo para se aquecer nas longas noites de invernos, pernoitavam nas estâncias gaúchas à espera do clarear do dia para conduzir o gado.

No entanto, o objetivo do texto torna-se outro quando o gênero é transposto para o livro didático. Nesse suporte de circulação, a aparição de um texto do gênero causa destina-se ao conhecimento das características gerais do gênero, tendo como interlocutor o aluno leitor. A inserção desse gênero dirige-se, portanto, ao aluno que, após todas as etapas de leitura e interpretação, será convidado a uma produção de um texto. Sendo o livro didático “Trabalhando a Linguagem” o suporte para o gênero em estudo, a Editora Quinteto Editorial é, portanto, o veículo de circulação do texto selecionado, cuja publicação ocorreu em São Paulo, no ano 2006.

Como segundo encaminhamento metodológico para o estudo da língua, Bakhtin (2004) apresenta “as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos” (BAKHTIN, 2004, p.124). Nessa proposição, verificamos a estrutura formal do gênero, especificando as tipologias textuais nele predominantes. No caso de “A rede”, percebemos que o texto pertence à esfera social literária e tem como tipologia predominante a narração. Por outro lado, podemos classificar o texto como pertencente ao gênero causa porque se trata de uma narrativa curta, produzida a partir de histórias contadas oralmente, sobre um acontecimento real. Para o ouvinte, ou nesse caso, o leitor da narrativa, a história parece ser ficcional, mas, como é próprio de um texto, o fato contado, apesar de ser surpreendente, foi vivido ou presenciado por alguém. Assim como outras narrativas que conhecemos, o texto também apresenta uma estrutura composta pelos elementos: espaço, tempo, personagens, narrador e enredo.

A história contada por Romualdo acontece num ambiente rural, do campo, espaço característico do gênero em estudo. Com relação aos personagens, esses descrevem o destemor e a valentia do povo gaúcho, mostrando, assim, mais um aspecto peculiar do texto. Considerado como uma história de fatos vividos ou testemunhados por aquele que conta, o texto “A rede” apresenta um narrador em primeira pessoa, traço característico do gênero. Quanto ao enredo, há uma apresentação objetiva dos elementos que o compõem, ficando claramente definida a situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho.

Finalmente Bakhtin (2004) expõe o terceiro encaminhamento para o estudo da língua: “o exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual” (BAKHTIN, 2004, p.124)., ou seja, o estilo do gênero. Para Bakhtin, alguns gêneros apresentam um estilo bastante



individual, devido às próprias características que possuem. Isso se observa nos causos, gênero que apresenta aspectos próprios, mas que também comunga com a individualidade do contador (narrador, autor do caso). De acordo com Leal (1985):

Os narradores populares, em qualquer época e em qualquer povo, são detentores de uma técnica altamente sofisticada, aprendida oralmente no seio da própria família. Esta linguagem, no caso da época oral, por exemplo, possui uma verdadeira gramática cujas regras são capazes de imprimir ao relato uma organicidade perfeita. (LEAL, 1985, p. 15)

Em se tratando do texto estudado, observamos em “A rede” que o exagero, traço peculiar do caso, fica bastante evidente. Ao descrever os acontecimentos do seu caso, Romualdo emprega a hipérbole, uma figura de linguagem que consiste em exagerar uma ideia com a finalidade de chamar a atenção para aquilo que se quer expressar – uma ação, um sentimento, uma qualidade, uma opinião. Conforme apontado pelos próprios autores do livro didático, nos trechos “abaixo de latido de ensurdecer”, “vejo os companheiros, todos em perseguição dum enorme cervo, o cervo que me conduzia”, “eu armara a rede nos galhos do cervo, que muito cansado da correria dormia sono solto e nem me pressentiu”, “pondo-me em pé, dentro da rede, saquei a faca e desnuquei o cervo”, notamos a presença de hipérboles que exaltam a coragem de Romualdo e a grandiosidade de seu feito. De acordo com Ferreira “Essa figura de linguagem colabora para o efeito de humor da história. O fato de o cervo não ter percebido Romualdo armar a rede em seus galhos, gera verossimilhança para os acontecimentos desencadeados no decorrer da história.” (FERREIRA, 2006, p.97).

O uso de expressões e termos típicos do vocabulário da região em que o caso é contado, também faz parte do estilo desse gênero. O texto de João Simões Lopes Neto, ao apresentar termos como, “à sogá”, “paradouro” e “desnuquei”, mostra um vocabulário típico do povo gaúcho. Outro recurso que faz parte do estilo desse gênero é a presença do narrador personagem. Romualdo relata os acontecimentos que se passaram com ele mesmo, usando pronomes e verbos em primeira pessoa: “perseguíamos uma manada de cervos-galheiros”, “Eu, que sou inimigo de bagagem pesada, montava em pelo no meu cavalinho baio”, “pondo-me em pé, dentro da rede, saquei a faca e desnuquei o cervo”. A veracidade dos fatos parece confirmar-se com a presença desse tipo de narrador.

Outro ponto a ser observado e relacionado ao estilo do gênero em questão é a predominância do uso de verbos no tempo pretérito, característico de vários gêneros da esfera



literária. A recorrência incessante ao pretérito perfeito, tempo verbal que transmite a ideia de uma ação completamente concluída no passado, é própria do gênero causo, visto que se faz uma referência a fatos já acabados e lembrados pelo contador no momento em que transmite sua história. Ocorre em alguns momentos, entretanto, o uso do pretérito imperfeito do modo indicativo, como nos verbos “éramos, perseguíamos, precatava, levava, montava”. Ao lançar mão desse tempo verbal, o autor transmite a ideia de uma ação habitual ou contínua, ou seja, no caso do texto estudado, ações desempenhadas regularmente pelos caçadores. O pretérito imperfeito é outro tempo em que normalmente são narradas as histórias.

Poderíamos destacar, ainda, outras marcas lingüísticas que apontam para o estilo do texto. Todavia, apontamos apenas algumas na perspectiva de exemplificar como elas se revelam e contribuem para a identificação do gênero e de seu conteúdo temático. Esse acontecimento revela, portanto, que o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo estão “intrinsecamente” ligados na constituição do enunciado, materializado em determinado gênero.

Conclusão

Reconhecemos o caráter preliminar do estudo aqui esboçado, na pretensão de estabelecer uma investigação subsidiada pela orientação metodológica para o ensino da língua proposta por Bakhtin (2004). Ao observarmos os conceitos de enunciado e enunciação, caracterizando-se esse último como um ato eminentemente social e não individual, inferimos que a linguagem é, portanto, um ato essencialmente social. E a língua, por consequência, é resultante de um trabalho coletivo e histórico, porque, conforme Bakhtin (2000), reflete as relações sociais “relativamente estáveis” dos falantes. Observamos que as considerações do autor a respeito do caráter dialógico da língua podem ser facilmente encontradas em enunciados tomados como gêneros discursivos.

Nesse sentido, as considerações aqui apresentadas buscam contribuir para que o estudo dos gêneros discursivos não esteja pautado apenas na caracterização superficial do gênero, desprovida de uma reflexão teórica. Procuramos desenvolver reflexões que apontam para a possibilidade de uma análise mais profunda sobre a teoria em que se pauta o estudo dos gêneros discursivos, reforçando a possibilidade de transposição dessa fundamentação para a prática.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BATISTA, Gláucia Aparecida. **Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Taubaté, São Paulo, 2007.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 19 - 46.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 2003.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FERREIRA, Givan; CORDEIRO, Isabel Cristina; KASTER, Maria Aparecida Almeida; MARQUES, Mary. **Trabalhando com a Linguagem**. 7ª série, 8º ano. São Paulo: Quinteto Editorial, 2006 (Coleção Trabalhando com a Linguagem).

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.